

Ano 21 • Número 11 • 18 de março de 2019

**A crise na Indústria da Construção e o papel do MCMV na retomada**

**A Indústria do RS surpreendeu em janeiro, mas não descolou do Brasil**

**Resultados de 2018 para o custo do trabalho na Indústria do RS**

**FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL**

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

**UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS**

[www.fiergs.org.br/economia](http://www.fiergs.org.br/economia)

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

## A crise na Indústria da Construção e o papel do MCMV na retomada

A indústria da construção brasileira recuou 2,5% em 2018 e passa pelo mais longo e profundo período de retração da história recente. O PIB do setor está cerca de 30% abaixo do nível pré-crise e no último trimestre de 2018 completou 19 trimestres de quedas consecutivas.

Os principais dados que utilizamos para o acompanhamento do setor no curto prazo são a geração de postos de trabalho e a produção industrial de insumos típicos da Construção Civil. No primeiro caso, verificamos a geração de 11 mil postos de trabalho no Brasil no setor em 2018, um avanço pequeno tendo em vista que a atividade acumula o fechamento de mais de 1,2 milhão de postos desde setembro de 2014. No caso da produção dos insumos típicos – que consiste naqueles produtos fabricados pela Indústria de Transformação e utilizados na construção de obras de infraestrutura, edificações e serviços especializados da construção – o avanço no ano passado foi de apenas 1,0%, e o nível de produção está 28,6% abaixo do pré-crise. Portanto, os indicadores conjunturais corroboram com o desempenho do PIB.

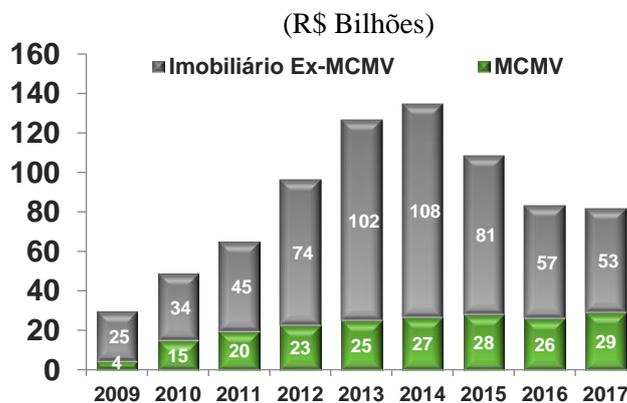
Os fatores que determinam o desempenho do setor são bem conhecidos, tais como: emprego, renda, confiança, investimentos públicos e perspectivas para o futuro. Essas variáveis mostram tímida melhora. Entretanto, um dos elementos que parece ter pesado para o *boom* do setor no período pós-2008 foi o

programa Minha Casa Minha Vida (MCMV) e é importante monitorar a sua evolução.

As demonstrações financeiras do FGTS trazem os financiamentos concedidos com recursos do fundo ano a ano. O gráfico abaixo compara os financiamentos MCMV, via FGTS, com as concessões totais para o setor imobiliário. A análise mais superficial indica que o Programa foi importante, mas que o *boom* imobiliário contou com as demais modalidades de financiamento.

A retomada do programa tende a dar um desafio para a Construção, mas apenas uma melhora substancial da economia, com impactos sobre a geração de renda e emprego, pode fazer o setor recuperar as perdas dos últimos anos.

### Concessões de crédito financiamento Imobiliário



Fontes: Relatórios de Adm. do FGTS e séries do BCB concatenadas pela UEE/FIERGS.

## A Indústria do RS surpreendeu em janeiro, mas não descolou do Brasil

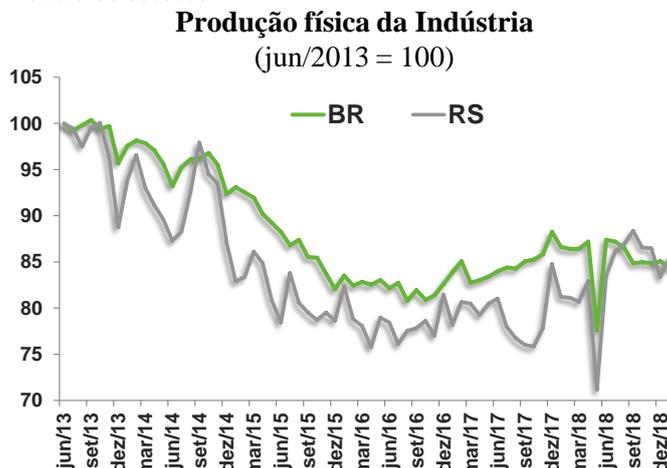
A produção industrial gaúcha voltou a crescer (+2,6%) em janeiro ante dezembro, com ajuste sazonal, desempenho bem superior ao verificado pela indústria nacional, que caiu 0,8% no período. Vale destacar, porém, que esse crescimento apenas recuperou parte da queda acumulada de 5,7% nos três meses anteriores.

Na comparação com janeiro de 2018, a indústria gaúcha (+5,7%) também inicia o ano mostrando um desempenho bem superior à nacional (-2,6%), esta impactada pela queda intensa da indústria paulista (-5,3%). Nesta base, a produção gaúcha mostrou em janeiro o terceiro melhor resultado em termos regionais. Destaque ainda para as altas da produção no Paraná (+8,1%), em Goiás (+5,8%), em Minas Gerais (+1,2%) e Santa Catarina (+1,2%), além dos recuos na Bahia (-5,5%) e no Rio de Janeiro (-1,5%).

Setorialmente, na comparação entre os primeiros meses de 2019 e 2018, a expansão industrial gaúcha foi impulsionada, principalmente, pela fabricação de Veículos automotores (+34,8%), que respondeu por quase 80% da taxa global. Também deram contribuições importantes Produtos de metal (+24,0%), Máquinas e equipamentos (+12,1%), Metalurgia (+23,1%) e Móveis (+15,2%). As quedas mais influentes foram registradas em Celulose e papel (-

29,0%), Alimentos (-5,7%), Químicos (-3,6%) e Borracha e plástico (-8,7%).

Apesar dos resultados melhores dos últimos meses, a trajetória de longo prazo mostra que o ritmo de recuperação do RS continua em linha com o BR. Não há um descolamento da economia do RS em relação ao resto do Brasil. O gráfico abaixo mostra a evolução do índice da produção física desde o último pico do setor. Conforme temos ressaltado, o processo de recuperação se apresenta em ritmo lento e bastante heterogêneo entre os setores.



Fonte: PIM/IBGE.

# Resultados de 2018 para o custo do trabalho na Indústria do RS

Evolução recente não compensa o desalinhamento histórico entre os salários e a produtividade.

O custo do trabalho é um dos principais elementos que influenciam a competitividade das empresas. Há diversas maneiras de se calcular indicadores para medir o custo do trabalho em uma economia. Uma das mais utilizadas é resultado da divisão entre salários e produtividade. Em uma economia saudável, o indicador calculado permanecerá constante ao longo do tempo, de modo que os aumentos salariais e a produtividade andem juntos.

A Unidade de Estudos Econômicos (UEE) da FIERGS calcula dois indicadores para a Indústria de Transformação com o objetivo de acompanhar esse tema (para acessar os dados e boletins, [clique aqui](#)). O indicador de Custo Unitário do Trabalho (ULC, na sigla em inglês), é obtido pela razão entre o salário médio e a produtividade da mão de obra por hora trabalhada, sendo calculado para duas unidades monetárias: 1) em Dólares correntes, onde os salários são considerados em termos nominais e a taxa de câmbio média R\$/US\$ é utilizada para a conversão; 2) em moeda nacional, no qual os salários são ajustados para descontar os efeitos da inflação.

No Rio Grande do Sul, o ULC industrial medido em Dólares caiu 15,9% em 2018, após crescer 13,6% em 2017 e ficar praticamente estável em 2016 (+0,3%). O resultado do ano passado se deu pela combinação de queda de 11,3% nos salários médios, medidos em Dólares, e da elevação de 5,5% na produtividade.

Quanto à evolução dos salários, a queda ocorreu principalmente por conta da desvalorização do Real frente ao Dólar no período (taxa de câmbio média R\$/US\$ subiu 14,5%), o que tornou a massa de salários menor quando medida em moeda estrangeira. Além do movimento cambial, as horas trabalhadas na produção ficaram estáveis (0,0%) e a massa salarial em termos nominais cresceu apenas 1,6%. A combinação dessas três variáveis fez o salário médio cair em Dólares. No tocante à produtividade, o crescimento se deu exclusivamente pelo aumento de 5,5% na produção física, dado que as horas trabalhadas ficaram estáveis, como já mencionado.

Quando analisamos o indicador em moeda nacional, ou seja, sem considerar o efeito cambial, o ULC da Indústria gaúcha acumulou uma queda bem menor, de apenas 6,3% em 2018. Para compor esse resultado, os salários médios caíram 1,2%, já descontados os efeitos da inflação, movimento derivado de uma queda na massa salarial real (-1,2%) frente à estabilidade nas horas trabalhadas.

Em contraste com a queda recente do ULC, ao olharmos para um horizonte mais longo de tempo, evidencia-se um enorme descompasso entre o crescimento dos salários e da produtividade na Indústria de Transformação do RS, culminando em um aumento

expressivo no custo do trabalho ao longo do tempo. Desde 2006, o ULC medido em Dólares acumula um crescimento de 38,3%, resultado de uma elevação de 52,8% nos salários e de apenas 10,5% na produtividade. Para o indicador em R\$, o crescimento é de 18,1%, por conta de uma elevação de 30,5% nos salários médios em moeda nacional.

Portanto, a fotografia atual pode até mostrar um cenário relativamente favorável em termos de custo do trabalho no Rio Grande do Sul, mas quando olhamos o filme completo, a percepção muda totalmente.

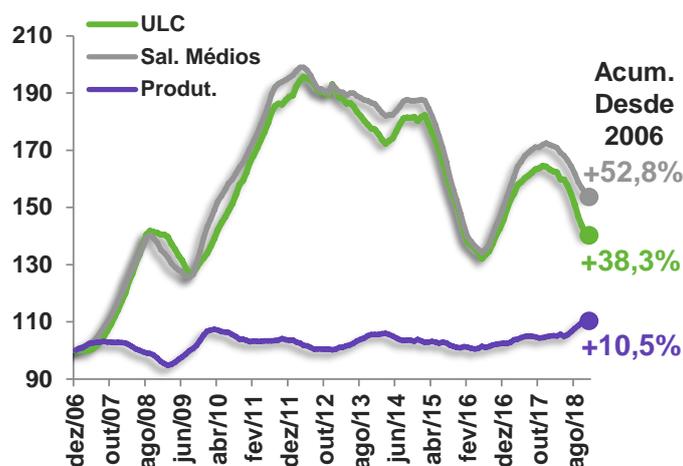
## Indicadores que compõem o cálculo do custo do trabalho na Indústria de Transformação – RS

(Variação % 2018/2017)

Indicador	%	Indicador	%
ULC US\$	-15,9	Horas Trabalhadas	0,0
Sal. Médios US\$	-11,3	Produção Física	5,5
Produtividade	5,5	Massa Salarial Nom.	1,6
ULC R\$	-6,3	Massa Salarial Real	-1,2
Sal. Médios R\$	-1,2	Câmbio	14,5

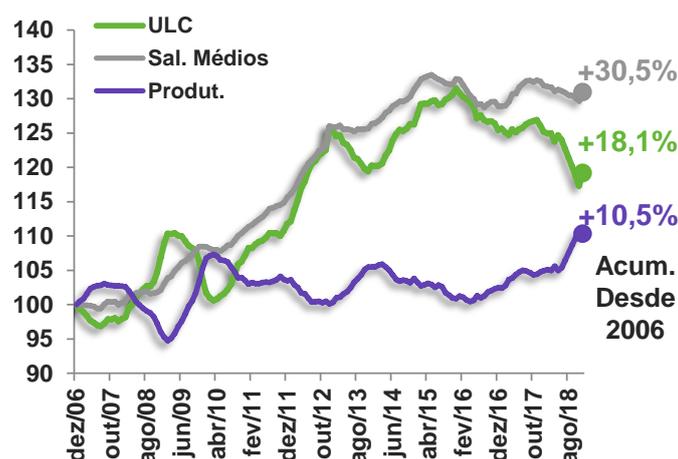
## Indicadores de custo do trabalho em Dólares na Indústria de Transformação – RS

(Média móvel em 12 meses – Índice: média 2006=100)



## Indicadores de custo do trabalho em Reais na Indústria de Transformação – RS

(Média móvel em 12 meses – Índice: média 2006=100)



Fontes: UEE/FIERGS. IBGE. BCB.